

DEPÓSITO LEGAL

O MONUMENTO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: SECRETARIA-
DO NACIONAL DO MONUMENTO A CRISTO-REI
R. dos Ouradores, 57

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR
Monsenhor Pereira dos Reis

COMPOSTO E IMPRESSO NA ESCOLA TI-
POGRÁFICA DAS OFICINAS DE S. JOSÉ
Travessa dos Prazeres, 34

COM APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA



«O Monumento» é o pequenino jornal que os leitores aqui vêem. Não o meçam pelas suas dimensões tão estreitas: apreciem-no só pela alma que em si traz e pelo fim a que se destina.

Aparece hoje pela primeira vez, sob os auspícios da SS.^{ma} Virgem de Fátima, a cuja protecção maternal se entrega com a mais enternecida e filial confiança. Domina-o o anseio, a paixão de ver glorificada pela nação portuguesa como Rei e Senhor universal das nações o divino Salvador do mundo. E não quer viver senão para pregoeiro incansável dessa glorificação, até que ela se realize com a grandiosidade devida à magnitude de Cristo e ao nome ilustre de Portugal.

O seu clamor incessante será, em prece ao Céu: *Coração de Jesus, venha a nós o Vosso reino!*; e em pregão aos homens: *Real! real! por Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei universal.*

Que maior felicidade para o mundo que a de ter a governá-lo a sabedoria infalível e o coração sumamente amorável e infinitamente generoso deste grande Rei, que, sendo homem, é também Deus, a Onnipotência ao serviço dos homens?

E, por conseguinte, que melhor serviço se pode prestar à sociedade do que trazê-la ao conhecimento, ao amor e à aceitação plena e incondicional do supremo Senhorio de Cristo? Tanto mais que o próprio Espírito Santo desengana a todos de que, fora de Cristo,

Abençoamos "O Monumento", e todos os que nele escrevem e trabalham, assim como os seus propagandistas, leitores e subscritores.

Aos amigos do Coração do Senhor exortamos a que apressem a hora de glória e de graça, que será a realização do grande monumento erguido Aquelle que é o Caminho, a Verdade e a Vida dos homens.

E ao Divino Coração de Quem tanto ama os homens, pedimos que derrame a cópia das Suas graças, espirituais e temporais, sobre quantos concorrerem para esta obra de fé, amor e reparação.

Fátima, 7 de maio de 1938.

+ M. Car. Patriarca

« Em nenhum outro há salvação; nem outro nome, cá debaixo do Céu, foi dado aos homens para por êle serem salvos ».

A-pesar disso, ímpios uns, cegos outros, os homens teimam em persuadir-se a si e convencer o próximo de que por êles há-de o mundo recuperar o Paraíso perdido. Daí a guerra de exterminio que em tôda a parte movem contra a realeza do Senhor. Mas, no rasto de sangue e nas ruínas de ódio, de destruição e de depravação que êsses pretensos salvadores deixam atrás de si, claramente se manifesta que só onde reinar Jesus Cristo encontrará a Humanidade a paz, o bem, o céu na terra.

Condoída de tantos infortúnios humanos resultantes desta atitude da impiedade, e ciosa ao mesmo tempo da honra e dos direitos do seu divino Espôso, a Santa Igreja não se cansa de promover a exaltação da realeza universal de Cristo, na esperança de que o conhecimento da doçura e dos benefícios do suave jugo de Jesus induza mais depressa as nações a submeterem-se ao seu tão amável Senhorio.

Foi com êsse fim que ela instituiu em Dezembro de 1925 a grande festa anual de desagravo e exaltação em honra de Cristo-Rei, e é por êsse motivo que exulta de alegria à vista do entusiasmo com que as nações católicas, umas após outras, vão erguendo monumentais padrões do seu reconhecimento e aceitação desta realeza divina.

Chegou agora a vez a Portugal de integrar-se nesta corrente mundial da apoteose do supremo domínio de Cristo, precursora, indubitavelmente, do advento definitivo desse reinado de paz e de amor, prometido por Deus como último triunfo do seu divino Filho na terra.

E' a hora de Deus em nossa pátria. Foi a voz do nosso Venerando Episcopado que a fez soar em nome da Igreja, em nome da alma de Portugal. Demos graças ao Senhor e sejamos fíéis à inspiração que vem do alto.

Vai-se erguer defronte de Lisboa, na Outra Banda, um monumento grandioso, um trono magnifico donde a estátua de Cristo-Rei fique para sempre a abençoar a cidade, o rio, o mar, a nação e êsse mundo de estrangeiros de tôdas as raças e nações que diariamente abordam às margens do nosso Tejo.

O jornal « O Monumento » será o eco da voz do Venerando Episcopado, da voz da Igreja, da voz da Pátria, a convidar, a alvoroçar, todos os portugueses de aquíem e al. m-mar para esta solenissima proclamação nacional da realeza mundial de Cristo.

A' multidão dos que ainda não conhecem a glorificação projectada, « O Monumento » irá dizer-lhes tudo e atear-lhes no peito o fogo de um santo entusiasmo. Aos pessimistas procurará corrigir e converter, desmentindo-lhes, com a realidade consoladora do êxito crescente, as suas agoirentas previsões que os não deixam tentar o menor esforço e lhes fecham a mão a tôda a generosidade. Aos indecisos propõe-se estimular; aos contrários, convencê-los, mudando-os de adversários em defensores e propagandistas; aos amigos ajudá-los, e a todos uni-los,

Movimento da propaganda e da subscrição

Efemérides da Propaganda

Setembro de 1934: O Em.^{mo} Senhor Cardial Patriarca de Lisboa visita o Monumento colossal do Cristo do Corcovado, sobranceiro à cidade do Rio de Janeiro, e concebe a idéa da erecção de um monumento semelhante, em Lisboa, dedicado a Cristo-Rei.

Fevereiro a Maio de 1935: Revela Sua Eminência ao Director diocesano do Apostolado da Oração aquêlle seu belo pensamento e fica assente que seja o próprio Prelado Lisbonense que o proponha aos católicos no 1.^o Congresso Diocesano do A. O. em Lisboa, marcado para Junho de 1935 mas realizado só em Junho de 1936.

Junho de 1936: Na sessão solene de abertura do Congresso do A. O. em Lisboa, lança o Senhor Cardial Patriarca a idéa do Monumento; pergunta à assembléa se aprovam a iniciativa e se estão dispostos a secundá-la. A assembléa responde com uma grande ovacção. No Congresso do A. O. em Braga, celebrado logo a seguir ao de Lisboa, o Director do Mensageiro do Coração de Jesus propõe à assembléa a iniciativa do Monumento, sendo esta aclamada com grandes aplausos.

Julho de 1936: O Senhor Cardial Patriarca propõe a iniciativa do Monumento ao Venerando Episcopado refinido em Coimbra para as festas do centenário da Rainha Santa a qual a aprova e perfilha.

Quaresma de 1937: Na « Pastoral Colectiva », o Venerando Episcopado Português aprova oficialmente a idéa do Monumento e torna pública esta sua aprovação. O texto completo da Pastoral com a aprovação encontra-se na revista eclesiástica « Lumen », do mês de Abril do mesmo ano de 1937.

Abril de 1937, com data de 22 o Em.^{mo} Sr. Cardial Patriarca escreve uma carta ao director do Secretariado do Apostolado da Oração em Lisboa e ao director do Secretariado Nacional do A. O. em Braga, a participar a aprovação do Venerando Episcopado, e a dizer que os Prelados de Portugal confiam ao A. O. o honroso mas pesado cargo de promover eficazmente a realização desta iniciativa, e ordenando que o Secretariado Diocesano do A. O. no Patriarcado funcione desde logo como Secretariado Nacional da Obra do Monumento, para assim melhor orientar e concentrar os esforços da nação, e recolher os fundos necessários.

13 de Maio de 1937: O director do Secretariado Nacional de Lisboa dirige uma circular aos Senhores Bispos, acusando a recepção da carta do Sr. Cardial Patriarca, agradecendo a honra feita ao A. O. e anunciando o próximo envio dos cartazes e listas da subscrição.

de alma e coração, num único e gigantesco esforço com que o Monumento de Lisboa se levante o mais breve possível na altivez grandiosa da sua mole, e na doce majestade da idéa que deve exprimir: a realeza e o império de Cristo, conquistado e exercido do seu infinito amor pelos homens.

Digne-se o Coração Santíssimo de Jesus abençoar êste pequenino arauto da sua realeza divina; e dignem-se todos os católicos portugueses dispensar-lhe o acolhimento e o favor de que êle carece para o cumprimento cabal da sua missão.

Maió de 1937: O Secretariado Nacional publica em Lisboa um folheto de propaganda, em 4 páginas com a carta do Sr. Cardial Patriarca ao director do A. O. e uma exposição da história e razões do Monumento e modo de fazer a subscrição.

Junho de 1937: O Secretariado Nacional instala-se nas dependências da Igreja de S. Nicolau por generosa deferência do Rev.^{mo} Prior Sr. Cônego Dr. António Maria de Figueiredo.

3 de Junho 1937: Carta Circular do Secretariado Nacional aos Rev.^{mos} Directores Diocesanos do A. O., avisando do envio dos elementos de propaganda da subscrição do Monumento e instando pela formação de Secretariados Diocesanos e dando instruções sobre a organização dos Conselhos Diocesanos.

4 Junho 1937: O Sr. Bispo de Portalegre publica um caloroso edital exortando os seus diocesanos ao zelo pelo Monumento. Festa do Sagrado Coração de Jesus. Neste dia tôdas as paróquias do Continente, Madeira e Açores devem ter recebido já um cartaz e um prospecto de propaganda, e mais dez listas para subscritores, de 15 nomes cada uma.

25 Agosto 1937: O Em.^{mo} Sr. Cardial Patriarca aprova e indulgencia a oração em que se pede a Deus a bênção para a iniciativa do Monumento, e a intercessão da SS.^{ma} Virgem para a graça de todos se afervorem no zelo desta grande obra de glória do Senhor.

Até à data de Maio de 1938 o total da tiragem desta oração impressa é de 150.000 pagelas, espalhadas gratuitamente entre os subscritores e fora.

Outubro de 1937: O director do Secretariado Nacional envia uma circular aos intelectuais portugueses pedindo-lhes uma palavra de exaltação da iniciativa do Monumento. Responderam já mais de vinte, e as suas belas respostas foram publicadas nas « Novidades » e na « Voz » e no « Mensageiro do Coração de Jesus ».

Novembro de 1937: O insigne poeta António Corrêa de Oliveira, responde ao pedido do Secretariado com um formoso poema que intitulou « Carta a Jesus » e ofereceu ao Secretariado para que o produto da venda se destinasse à subscrição nacional.

11 Fevereiro de 1938: O Rev. Costa Lima, redactor da « Brotéria », lê ao rádio da Emissora Nacional umas palavras de comentário à « Carta a Jesus ».

Fevereiro de 1938: O ilustre architecto e decorador António Lino, um dos premiados no concurso do Monumento ao Infante D. Henrique, pinta gratuitamente um novo modelo de cartaz de propaganda, de feliz inspiração, o qual muito agradou, e está a ser litografiado na Litografia Nacional do Pôrto e será enviado para tôda a parte do mundo onde vivam portugueses.

6 Março de 1938: O director do Secretariado Nacional lê ao microfone da Rádio-Renascença um comentário encomiástico da « Carta a Jesus », e do seu ilustre autor.

Março de 1938: Abel Cardoso, professor de pintura e mestre abalizado, pinta gratuitamente um belo mealheiro para ornato da Carta em que a direcção da secção feminina do A. O. de Lisboa com outras senhoras vão pedir « pedras preciosas simbólicas » para a coroa de Cristo-Rei.

ORAÇÃO DO MONUMENTO

Ó Eterno Pai, que para salvação temporal e eterna do mundo constituíste Rei e Senhor de todos os povos o vosso Filho Jesus Cristo, e por intermédio de S.^{ma} Margarida Maria Alacoque tão vivamente nos manifestastes o desejo de que as nações católicas o exaltem e o desagrem da guerra que Satanás lhe move por meio dos homens e governos ímpios: dignai-Vos abençoar o projecto, em que o nosso Portugal anda empenhado, de levantar em Lisboa, nesta hora de tamanho furor diabólico, um grandioso monumento de glória e de reparação a essa bendita realza do SS.^{mo} Coração do nosso Salvador, fonte e garantia única da verdadeira paz e felicidade.

Virgem SS.^{ma}, Senhora e Padroeira de Portugal, pedi ao vosso divino Filho que atevore todos os portugueses a concorrerem para o Monumento Nacional a Cristo-Rei, com as suas incessantes esmoias e uma ardente propaganda.

Concedemos com dias de indulgência.

Lisboa, 25 de Agosto de 1917

† M. CARD, PATRIARCA

O Secretariado Nacional pede com o maior empenho a todas as Comunidades Religiosas, Seminários, Colégios e pessoas devotas, se dignem associar-se cada dia, individual ou colectivamente, na recitação desta prece. «Digo-vos que tudo aquilo que pedirdes em oração, acreditades que o haveis de receber e vos sucederá». (*Jesus no Evangelho de S. Marcos, XI, 24*).

Se orarmos muito, não tardará a graça do entusiasmo geral pelo Monumento e pela subscrição.

Porque a molestais?

«Deixai-a. Porque a molestais? O que esta mulher fez, foi uma obra boa. Pobres sempre os haveis de ter no meio de vós, mas a Mim não me tereis sempre».

Assim respondeu Jesus ás ásperas censuras dos Discípulos, e especialmente de Judas, contra a prodigalidade de Madalena, por ter ela derramado sobre a cabeça do Senhor durante a refeição, conforme era uso, um frasco de alabastro de precioso perfume.

«Podia-se ter vendido, e dado o valor aos pobres», murmuravam os censores.

Murmuravam porque... não amavam. E Judas, então... E' ler o que dele diz, neste passo, o Evangelho de S. João, cap. XII.

Se todos amassem ao Senhor, feito servo dos pecadores, com o coração de Madalena, isto é com o amor de simpatia e de gratidão que lhe é devido, não haveria sacrificio que não fizessem alegre e pressurosamente para O exaltar á face do mundo. O que Portugal vai fazer agora com o Monumento a Cristo-Rei, nesta hora em que a impiedade procura, á mão-armada, destruir o reinado de Cristo na terra, é uma obra boa urgida pela obrigação de amar, defender, e desagrar o nosso Senhor.

Nem só de pão vive o homem!

«Está escrito que nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus». Assim tapou Jesus a boca ao tentador, quando este, por O ver desfalecido da fome que o Senhor passou nos quarenta dias de absoluto jejum no deserto, o exortava a que dissesse a uma pedra que se convertesse em pão.

Portanto, em primeiro lugar, a palavra de Deus.

Ora Jesus é o Verbo, quere dizer: a palavra eterna de Deus. E' n'Ele e por Ele que o Pai fala aos homens a palavra de vida, de paz, de verdade, de caridade de bem-aventurança temporal e de salvação eterna. «A vida eterna, ó Pai, é que os homens te conhe-

çam a ti, Unico Deus verdadeiro, e Aquêlle que tu lhes enviaste, o teu Filho Jesus-Cristo», dizia Jesus como se fôsse a orar (João XVII, 3).

E há tanta gente em Portugal, que não conhece o Salvador! A estátua grandiosa de Cristo-Rei a dominar Lisboa, o Tejo e o mar, será Jesus a revelar-se a um mundo de almas que o desconhecem, a Fê a meter-se-lhes pelos olhos dentro. Que bem o exprimiu CORRÊA D'OLIVEIRA na «Carta a Jesus»:

Se temos Deus dentro de alma,
Vê-lo, em pedra, para quê?!
— A Chaga (a estátua do Sangue!)
Já se mostrava a Tomé...

«Estátua», em verbo e familia,
Vem de «estar» que vale «ser»,
Deus, E', no ser invisível;
Na estátua, está: dá-se a ver.

A subscrição

No fim do corrente mês de Maio encerra-se o 1.^o ano da subscrição para o Monumento. Deixamos para o próximo número d'este jornalzinho o inicio da publicação das contas. Por hoje diremos somente que a imensa maioria dos centros paroquiais estão ainda sem terem dado um passo sequer no caminho da propaganda e da recolha de ofertas para o fundo das obras do Monumento. E por isso não é de estranhar que seja inumerável a multidão dos que ignoram absolutamente esta iniciativa da glorificação de Cristo-Rei.

Ao Secretariado Nacional chegam, volta e meia, documentos orais e escritos comprovativos desta tão pouco simpática apatia e inércia.

Mas é da história de todos estes movimentos que se «começa por não andar».

Dentro em breve, logo que da litografia cheguem os novos cartazes, mais belos e expressivos que os primeiros, recomecerá o Secretariado Nacional a remetê-los para toda a parte. E será então a hora do despertar decisivo e do caminhar impetuoso para a frente.

365 Missas anuais — O Secretariado Nacional, com autorização superior e a vivas instâncias de sacerdotes e leigos, manda celebrar trinta Missas mensais pelos subscritores, vivos e defuntos, do Monumento. As Missas são celebradas cada mês numa Diocese distinta da precedente, para que chegue a vez a todas. Com esta grande graça, é natural que aumente em muitos o desejo de se inscreverem como subscritores, se todos a dermos a saber e nos afervorarmos no zêlo de propagandistas e collectores.

Corações generosos — Não faltam os rasgos de generosidade em favor do Monumento da parte de grandes e pequenos. O «Mensageiro do Coração de Jesus» de Abril, citava vários: A jovem espanhola, Maria do Rosário, modelo de apóstola intrépida num dos peores bairros de Lisboa, que teve arte para levar quatro comunistas, outrora católicos certamente, a subscriverem para o Monumento firmando cada qual o seu próprio nome na lista dos subscritores. — Depois o rapazinho lisboeta, José Victor, que, dentro de uma carta escrita com entusiasmo, mandou ao Senhor Cardial Patriarca para o Monumento a quantia de *cem escudos* do dinheiro que o avô lhe dera de prémio pelo exame.

— O ilustre professor da Universidade de Coimbra, sr. Dr. João Pôrto escrevia ao Secretariado de Lisboa em Novembro do ano passado: «Minha mulher e eu contribuiremos para já, com quinhentos escudos. Além disso tenho 6 filhos, todos pequenitos, pois o mais velho conta 10 anos e o mais novo 20 meses, e todos contribuirão com a quota mensal de um escudo cada um, enquanto durar a construção do Monumento. Que a subscrição consiga cobrir dentro de pouco tempo a receita bastante para tão sublime obra». Porque não há-de pegar esta santa moda da subscrição dos pequeninos?

— de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, uma senhora ofereceu o seu anel de núpcias no valor de um conto. Brevemente remeterá para Lisboa essa quantia, produto da venda do anel.

Quem a quereirá imitar?

— E da mesma ilha, mas de um extremo afastado, a vila do Nordeste, mandou o Rev. Lima ao Secretariado Nacional um vale de mil escudos, soma legada para o Monumento de Lisboa, em testamento e livre de direitos, pelo venerando pároco Rev.^{do} P.^o José Lucindo da Graça e Sousa, que falecera em 20 de Dezembro do ano passado. Que reine já na glória a sua piedosa alma!

— Uma criada de servir, que vive para a Estrêla, viu um dia em «A Voz», de que o seu amo é assinante, as falas dos intelectuais em favor do Monumento, e sentiu gôsto de dar. Criada de servir, e deu logo de uma vez tudo o que as suas posses lhe consentiam: *cincoenta escudos!*

— Ai pelo mês de Março, uma jovem, tuberculosa e pobrezinha, do Sanatório do Lumiar, tanto insta que obriga o Secretariado Nacional do Monumento a ir prepará-la para a morte. E que bem que ela se preparou! Na despedida entregou-lhe 23 escudos de que ela e outras doentes se privaram para poderem pôr uma pedra pequenina nos alicerces do Monumento. Ao chegar ao Céu, dali a dois dias, pôs-lhe Jesus certamente na frente juvenil uma rutilante pedra preciosa de maior glória eterna.

— Outra vez era o vendedor de cabides, que ganha uma ridicularia com o trabalho de os trazer ás costas e subir com êles dezenas de ruas empinadas de Lisboa a gritar a cada instante o seu pregão. Senta-se na soleira de uma porta. Gente do prédio ou do lado falam da subscrição do Monumento. O homem ouve, interessa-se, mete a colherada na conversa e pergunta se também êle pode dar. — Pois não! E deu os dez tostões do pobre, que a êle tanto custou a ganhar mas que a simpatia por Jesus tanto lhe fez sentir gôsto em dar.

— E as professoras da L. E. C. que, entusiasmadas, propuseram cortar pelos seus vencimentos, dando o ganho de um dia?

E como estes quantos casos que permanecem occultos; e quantos outros que só não se deram ainda porque nenhuma alma de apóstolo se aproximou dessa boa gente capaz de todos os sacrificios!

O ÔVO DOS DOMINGOS

Um pároco do Norte de Portugal, por mais que dissesse, não acabava de arrancar á generosidade dos seus paroquianos os meios bastantes e de urgente necessidade para o culto e veneração da imagem de N. Senhora.

Mas um dia veio-lhe á mente uma ideia genial: se cada familia desse para a SS. Virgem o ovo que as suas galinhas pusessem ao Domingo?!... Propôs o alvitre ao povo na Igreja, e convidou a irem á residência paroquial dar o seu nome todos aquêles que se comprometiam a oferecer o ovo dos Domingos.

Não foi preciso mais. Dentro de pouco tempo, mercê da graça e da facilidade de realização que neste estratagemada do seu Pároco todos encontravam, estava junto todo o dinheiro preciso sem que ninguém sentisse o pêso da contribuição nem a falta do que dera.

Sempre a mesma chave do problema da maneira de juntar uma grande soma de dinheiro: *muita gente, a dar pouco cada um.*

Esta história não é de uma freguesia só: tem-se repetido em várias com êxito igual. Porque se não há-de repetir em todas, em favor do Monumento a Cristo-Rei?

UM MILHÃO A DEZ ESCUDOS

Garantem os architectos e outros entendidos, que para erguer defronte de Lisboa um monumento digno de N. Senhor Jesus Cristo, como Rei das Nações, se necessitam milhares de contos.

Como juntá-los? — Repartindo o encargo por um número muito grande de pessoas, o que o tornará levíssimo e por isso aceitável e até amável.

Haja entre tantos milhões de portugueses espalhados pelo mundo todo, um milhão que dêem dez escudos num só ano, neste ano de 1938, mesmo a um escudo por mês; ou então em dois anos, cinco escudos em 1938 e cinco escudos em 1939, mesmo a cinquenta centavos por mês... e estará resolvido o problema.

— E para arraujar êsse milhão de subscritores? — Sômente isto: que todos os dirigentes — párocos, pregadores, directores espirituais, directores das obras e organismos, zeladores, zeladoras, etc., expliquem, entusiasmem, aliciem o povo, os amigos, os parentes, os colegas, camaradas, os superiores, os inferiores, etc.

Não é difficil juntar o dinheiro — uma bagatela a cada pessoa; nem o milhão de pessoas — pois mais que isso tem de associados o Apostolado da Oração. O difficil é mover os dirigentes ao recrutamento de subscritores que por sua vez se convertam igualmente em recrutadores de novos subscritores, e assim por diante, até se atingir o milhão a dez escudos.

E para resolver êste obstáculo fundamental, que faremos? — Primeiro que tudo orar muito, e depois ir pregando sempre. Deus virá em nosso auxilio afervorando a todos. Ajudem-nos mutuamente. Ele a nós e nós a Ele.

O voto do general espanhol

« Quando, com a tua protecção, ó Coração Sacratíssimo de Jesus, resplandecer para a nossa Pátria o sol da Vitória, iremos todos os teus soldados depor as armas ao lugar onde esteve o Monumento que a sanha feroz dos nossos inimigos destruiu. Ali edificaremos outro, grandioso, oferecendo-te o nosso triumpho, que é o teu, e o sangue dos nossos mártires. Formarão parte dêle, para as santificar de novo, pedras de templos e de memórias históricas da nossa raça imortal, que foram profanadas e destruidas pela insana e cega barbárie dos nossos inimigos; e gravaremos no pedestal da tua estátua as frases que brotam hoje do coração de todos os bons espanhóis e que gritaremos mais alto, com a maior veemência e amor: *Sagrado Coração de Jesus que salvaste a Espanha; Reina já em Espanha!* »

General LÓPEZ PINTO,
chefe do VI corpo do exército

Este brado do valente general, que transcrevemos duma revista espanhola onde lhe fazem êco as palavras de muitos outros soldados, e marinheiros comandantes da guerra santa, da nova « Santa Cruzada », vale por si só um poema. Os atentados contra Deus, provocam sempre estas admiráveis expansões de Fé e os mais sublimes rasgos de amor. Que são milhões de pesetas perdidas com a destruição satânica do monumento ao Coração de Jesus no Cérrro dos Anjos junto a Madrid, em comparação do entusiasmo religioso de reparação e desagravo que êsse grande crime provocou? Deitaram o primeiro abaixo? Pois vamos erguer-Lhe outro mais belo, mais grandioso. Mas... o dinheiro?

— Quem fala nisso a corações apaixonados da glória do Senhor? Quem tem alma para dar o próprio sangue por Jesus, nem lhe faz falta o dinheiro, nem o chora, nem lhe metem mêdo difficuldades. Bem dita Espanha na grandeza da generosidade cristã dos seus filhos!

Filhos de Portugal!, imitemos os nossos irmãos de Espanha. O Monumento de Cristo-Rei deve ser o mais grandioso de todo o Portugal.

Generosidade de S. João de Deus

S. João de Deus, compatriota nosso, nascido e criado em Montemor-o-Novo do Alentejo, mas levado por Deus a Granada para ser lá o fundador da Ordem dos Irmãos Hospitalários, é um modêlo vivo da verdadeira caridade cristã que sabe multiplicar-se em benefício de todos, sem pensar nunca em si própria.

Fôra êle a Valladolid onde se encontravam então o Rei e a Côrte. Vivendo a sua obra, dos doentes pobres de Granada, só de esmolas, tinha o santo como obrigação e officio seu pedir-las de porta em porta. E isto, que fazia habitualmente em Granada, também o começou a fazer em Valladolid. Ora succedia que a quantos pobres ali encontrava pelo caminho, a todos ia repartindo as esmolas que lhe davam. O seu companheiro e as pessoas amigas, receosos, advertiam-lhe que, se assim continuava a dar aos de Valladolid, lhe iria forçosamente faltar para os seus de Granada. Mas o santo não se preocupava com o que lhe diziam, e a sua resposta era sempre esta: — « Dar aqui ou dar em Granada, tudo é dar pelo amor de Deus, que está em todo o lugar ».

E o certo é que, quanto mais o santo distribuía aos outros pobres as esmolas que lhe davam para os seus, tanto mais o Senhor, que é quem move os corações à caridade e generosidade, inspirava outros bemfeitores a lhe levarem o que era preciso para os doentes e pobrezinhos de Granada.

Quem dá aos pobres empresta a Deus. Se dá por um lado, recebe-o por outro com o acréscimo das graças espirituais que por isso merece e do avultado juro material com que o Senhor premeia os corações generosos. E o que se diz dos pobres diz-se das outras obras da glória de Deus. Não receiem, pois, que lhes faça falta o que os fiéis derem para o Monumento a Cristo-Rei.

Queremos que Ele reine sobre nós

I. A Rússia, o México e os governos ímpios de outras nações, no seu ódio contra Cristo não olham a dinheiro nem a vidas para deitarem abaixo a sua realza divina no mundo.

Temos de a defender. Temos de a exaltar. Exige-o a justiça: Jesus é o Senhor das Nações. A gratidão reclama-o: Portugal tudo lhe deve. O bem da nossa Pátria e da humanidade impõem-no: ai! do mundo sem Jesus. Só Ele é o Salvador.

II. Os antigos portugueses, pelo reino de Cristo deram o seu próprio sangue. Será muito que nós os de hoje, Lhe levantemos um grandioso Monumento de desagravo à sua realza benfazeja?

Quem cala consente. Nós não consentiremos nunca. Gritam: abaixo Cristo? No monumento de Lisboa a nação portuguesa clamará ao mundo inteiro: *Viva Cristo-Rei!*

III. Doze mil contos! E' o preço do monumento ao Infante D. Henrique. Por subscrição seria preciso um milhão de pessoas a darem cada qual um escudo por mês. Mas era só um ano.

Católicos! Portugueses! Jesus menos que o Infante? Vós sois milhões. Quanto quereis dar para o d'Ele? Querer é poder. O amor tudo pode. Um escudo annual, estão a dá-lo pobres de pedir. Tu, leitor, podes dar mais, talvez 10, 20, 50, 100, 200, 1000 escudos ao ano, por inteiro ou em prestações ou em gêneros. Jesus tem-te dado muito mais. Nem ás outras obras: o Senhor vela por todas e a caridade tem posses para tudo. Olha Fátima, o Sameiro, os Seminários, os pobres...

« Procurai primeiro o reino de Deus, e tudo o mais vos será dado. »

Secretariado Nacional do Monumento. R. dos Douroeiros. 57 Lisboa

Carta a Jesus

é Portugal a contar ao seu Senhor o que vai fazer para glória d'Ele com o Monumento a Cristo-Rei.

Corrêa d'Oliveira interpretou nela genialmente o sentir da alma católica portuguesa, e quis que o preço da venda — três escudos — revertesse em contribuição para o Monumento.

Encontra-se à venda nas livrarias católicas.

*Senhor Deus! nesta-hora aberta
De Satán em borborinho,
Eis Portugal, rôsto a rôsto,
Que vem sair-lhe ao caminho.*

*Põe um monte sobre os montes,
Ao cimo o Teu Coração:
Mais que Fortaleza, é Paz!
Mais que fronteira, é Nação!*

*E reinarás! Ninguém sabe
O Poder occulto e infindo
Que tem um gesto de bênção,
Doces lágrimas caíndo.*

*Que será quando te virem,
Marinheiros e pastores,
Falar da Luz às estrelas,
Qual falaste entre os doutores?!*

*Que será quando te enzerguem,
— Qual em perpétuo Sinai, —
De nós tratando e rogando
A Deus-Pai que é Nosso Pai?!*

*Imagem de Cristo-Rei,
Tão reluzida e tamanha
Que seja o Luar das Noites!
Aurora da Nova Espanha!*

*E Maria diga em Fátima,
Vendo, ao longe, o etéreo brilho.
— «Primeiro eu vim... bem sabendo
Que, depois, vinha o meu Filho».*

ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA: «Carta a Jesus»

Conferências à Rádio

Nas duas últimas sextas-feiras de Maio e nas duas primeiras de Junho, haverá conferências na Emissora Nacional em favor do Monumento, feitas por senhoras e cavalheiros.

Esta série será acompanhada ou seguida de outra na Rádio Renascença.